

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

MAMÍFEROS DE MONTE ALEGRE

p o r
C. C. VIEIRA

Examinando o material mamalógico colhido na região da vila de Monte Alegre, neste Estado, pelo Sr. JOSÉ L. LIMA, taxidermista dêste Departamento durante os meses de dezembro de 1942, janeiro e fevereiro de 1943 e junho de 1944, constatei a presença de seis espécies de quirópteros, duas de marsupiais, cinco de roedores, uma de carnívoro e uma de símio.

Tratando-se de antiga zona cafeeira onde escasseiam as grandes matas, que dia a dia se tornam mais raras em nosso Estado, é natural que sua fauna de mamíferos não seja das mais variadas.

São os seguintes os mamíferos ali encontrados:

QUIRÓPTEROS

Fam. *PHYLLOSTOMIDAE*

Hemiderma perspicillatum (L.)

Noventa e seis exemplares, quase todos fêmeas, obtidos no telhado duma tulha de café.

Trata-se dum morcêgo de regular tamanho, com 50 a 55 mm de comprimento e cêrca de 25 mm de envergadura, de côr pardo-escura no dorso, mais clara no ventre; folha nasal bem desenvolvida e lançoelada; pequena cauda tôda contida na membrana interfemural.

E' muito comum por todo o Brasil e tido como essencialmente frugívoro, preferindo frutos suculentos como goiabas e araçás.

Tem sido encontrado muitas vêzes em bando, dependurado nos galhos de árvores nas matas espêssas e sombrias.

Como êsses exemplares obtidos em Monte Alegre, quase todos os outros do Departamento de Zoologia foram apanhados em telhados de velhas casas.

Êsse fato, se não é inteiramente accidental, parece indicar que êsse morcêgo não despreza mosquitos e outros pequenos insetos encontrados dentro das habitações ou em seus arredores.

Vampyrops lineatus (E. Geoffroy)

Dois exemplares, ambos fêmeas, apanhados nas mesmas condições.

Bem maior que a precedente espécie (55 a 60 mm de comprimento e 30 mm de envergadura) e com o mesmo colorido, mas caracterizando-se logo pela presença de quatro listas brancas na cabeça; duas paralelas na frente, da base da folha nasal à parte posterior das orelhas e duas nas faces, sob os olhos; no dorso, uma lista branca muito alva e nítida corre do occiput à base da membrana interfemural que é profundamente recortada.

A folha nasal bem desenvolvida, lanceolada e de extremidade aguçada é situada sôbre o focinho curto, largo e achatado.

Essencialmente frugívoro é encontrado com freqüência esvoaçando nos pomares onde existam árvores frutíferas carregadas de frutos maduros.

No horto do Museu Paulista tem sido achado durante o dia em repouso, agarrado às folhas de jerivá ou numa moita espessa de bambus.

E' notável o fato de ter sido achado no telhado duma tulha pois em geral prefere as árvores.

Anoura geoffroyi Gray

Vinte e um exemplares, dois machos e seis fêmeas, também apanhados numa tulha de café e numa gruta situada na encosta de um morro. Morcêgo de regular tamanho (55 mm de comprimento por 30 mm de envergadura), com membrana interfemural muito rudimentar e nenhuma cauda; calcâneo muito curto; focinho alongado; língua muito comprida e extensível, munida de papilas filiformes.

Folha nasal curta, aguçada e situada bem na extremidade do focinho, lábio inferior profundamente sulcado.

Coloração pardo-escura nas partes superiores, muito mais clara nas inferiores.

Com *Glossophaga soricina* e *Lonchoglossa ecaudata* representa no Estado de São Paulo a subfamília *Glossophaginae* caracterizada pela presença de 32 dentes.

Todos os membros desta subfamília são de regime misto, isto é, insetívoros e frugívoros e bem comuns por todo o Brasil meridional.

Autores antigos acreditaram que as longas papilas filiformes da língua fossem apêndices apropriados à sucção do sangue dos animais. Outros observadores porém provaram ser outra a finalidade dessa original língua: por meio dela o animal extrai a polpa dos frutos e colhe insetos na corola das flores como fazem os beija-flores.

E' encontrado em repouso sempre em telhados de casas velhas ou entre pedras e comumente entram à noite dentro das habitações em busca de alimento.

Micronycteris megalotis Gray

Quatro exemplares apanhados numa gruta na encosta dum morro na Fazenda N. S. da Encarnação.

E' uma das menores espécies da família *Phyllostomidae* pois atinge no máximo 45 mm de comprimento por 25 cm de envergadura.

E' caracterizado pelas grandes orelhas, largas e arredondadas, do tamanho da cabeça, ligadas nas bases, sôbre a fronte, por uma faixa de pele muito estreita, oculta pela pelagem.

Membrana interfemural grande e larga, perfurada por curta cauda em sua parte superior.

O colorido é pardo-avermelhado muito escuro.

Seu regime deve ser frugívoro como o dos outros membros desta grande família.

Fam. *MOLOSSIDAE*

Molossus obscurus E. Geoffroy

Dezoito exemplares apanhados no ôco duma grande árvore sêca na Fazenda Bom Jesus.

E' um dos menores representantes desta singular família essencialmente insetívora e caracterizada pela extremidade da cauda inteiramente livre da membrana interfemural.

Mede no máximo 62 mm tendo 26 cm de envergadura.

Focinho obliquamente truncado e obtuso com narinas circulares; lábios superiores proeminentes e cobertos de pêlos; orelhas largas e arredondadas, antítrago bem desenvolvido e trago curto.

O animal tem a faculdade de variar à vontade a superfície de sua membrana interfemural que é retrátil, mudando assim a direção do vôo quando em perseguição de insetos que voam muito rápida e tortuosamente.

Dentes grandes e fortes com agudas cúspides, o que indica ser animal adequado à alimentação insetívora.

Colorido do corpo pardo-fulvo, com asas e orelhas muito escuras.

E' bem conhecido por quase todo o Brasil, do Amazonas ao Paraná.

Fam. *DESMODONTIDAE*

Desmodus rotundus rotundus (E. Geoffroy)

Quinze exemplares, machos e fêmeas apãnhados numa grande loca de pedra no Sítio Boa Vista em 23 de junho de 1944.

Esta raça típica de morcêgo hematófago é bem maior que a outra encontrada no México e na América Central, *Desmodus rotundus murinus* (WAGNER), alcançando o seu antebraço 64 mm ao passo que naquela mal atinge a 55 mm.

Nestes exemplares, o antebraço varia de 58 a 63 mm não havendo diferença de tamanho entre machos e fêmeas.

O colorido é sempre de tonalidade pardo-murina não se observando tendência ao albinismo como acontece em exemplares provenientes de outras zonas do Estado.

Este vampiro é facilmente reconhecível pelos dentes: incisivos superiores muito grandes, falciformes, maiores que os caninos e extremamente aguçados e o focinho muito curto e com apêndice nasal reduzido a uma simples carúncula membranosa em torno das narinas.

Habitam nas grutas e ôcos de árvores velhas, saindo à noite em busca de alimentação, atacando então o gado, aves domésticas e o próprio homem.

O sangue constitui a sua única alimentação devido à profunda modificação sofrida pelo seu aparelho digestivo. Em experiências feitas com êstes morcêgos em cativeiro, ficou demonstrado que morrem no fim de três dias de inanição, apesar de terem insetos e frutos ao seu alcance.

Como os dois outros membros desta pequena família e pertencentes aos gêneros *Diaemus* e *Diphyla*, constituem os únicos morcêgos realmente perigosos pois além dos incômodos que suas mordidas ocasionam aos animais, podem transmitir moléstias contagiosas.

Para preservar os animais de suas mordidas é preconizado o revestimento das cocheiras e galinheiros com telas de arame que impeçam a sua passagem.

SANBORN em sua viagem científica ao pantanal matogrossense¹ teve ocasião de experimentar um novo processo de preservação que consiste em manter uma lanterna acesa perto dos animais durante tôda a noite.

Estes vorazes vampiros esvoaçam em volta dos cavalos, não ouvindo atacá-los.

Nas regiões em que se tornaram excessivamente incômodos aos animais domésticos, o mais seguro é combater-los sistematicamente por meio de batidas nas grutas, locas e árvores velhas circunvizinhas.

Localizado o esconderijo do bando, o melhor processo é matá-los enfumaçando a loca ou o ôco da árvore com a queima de enxofre.

SÍMIOS

Fam. *CEBIDAE*

Callicebus nigrifrons (Spix)

“Saá”. “Sauá”

Um casal e um jovem macho já bastante desenvolvido.

Este belo símio, comum em tôda a zona nordeste do Estado, vive em pequenos bandos nas matas espêssas e mesmo nas grandes capoeiras.

São tímidos e ariscos e costumam dar gritos muito fortes que se ouvem mesmo de muito longe.

Domesticam-se fâcilmente quando apanhados novos.

O macho adulto tem o alto da cabeça cinzento, a fronte negra, assim como as orelhas e a face; dorso superior cinzento-escuro e inferior cinza-claro; peito, ventre e partes inferiores dos braços e coxas, cinza-esbranquiçado; mãos e pés, negros; cauda pardo-amarelada na base e pardo-ocrácea na extremidade.

A fêmea distingui-se do macho em ser menor e ter a cauda uniformemente ocrácea-escura.

O jovem é de colorido muito mais claro na região inferior e dorso.

O macho adulto difere dos exemplares existentes no Departamento de Zoologia e provenientes de Itatiba e Município de Lins em ter a base da cauda muito mais clara, o que poderá ser uma simples variação individual.

(1) COLIN C. SANBORN, 1931, Protection Against Vampire Bats; Journal of Mammalogy, vol. 12, p. 312.

ROEDORES

Fam. *ERETHIZONTIDAE*

Sphiggurus villosus (Cuvier)

“Ouriço cacheiro”

Um filhote ainda bastante novo.

Este original roedor, com o dorso coberto de longos pêlos pardos-escuros, entremeados de espinhos amarelos, é grande comedor de frutos chegando a entrar em pomares à cata de goiabas e bananas.

Dizem que ataca também os milharais, roendo as espigas.

Fam. *CAVIIDAE*

Cavia rufescens Lund

“Preá”

Três exemplares: dois machos e uma fêmea, todos adultos.

Pequeno e elegante roedor bem mais raro que *Cavia aperea*, maior e de mais larga distribuição por todo o Brasil meridional.

E' encontrado à beira das estradas e mesmo em capinzais nas vizinhanças das habitações.

Muitas vêzes encontrado em bandos e alimenta-se de capim.

Sendo a sua carne comestível, pode ser considerado animal útil ou, pelo menos, inofensivo.

Fam. *MURIDAE*

Rattus norvegicus (L.)

“Ratazana”

Dois exemplares de fêmeas adultas apanhadas em ratoeiras.

Dentre os ratos exóticos à fauna brasileira é este o maior, tendo-se tornado verdadeira praga nas grandes capitais.

Vive em buracos que cava no solo, principalmente na vizinhança de depósitos de lixo e é extremamente nocivo, pois sendo voracíssimo não hesita em entrar nos galinheiros onde devora pintos e ovos, chegando mesmo a atacar os pés das galinhas adormecidas.

Fam. *SCIURIDAE*

Guerlinguetus ingrami ingrami (Thomas)

“Serelepe”, “Caxinguelê”

Um casal, medindo o macho 420 mm de comprimento total, cauda 240 mm e pé posterior 45 mm. A fêmea, que é bem menor, atinge apenas 350 mm. de comprimento total.

Comuníssimo por todo o Brasil meridional, onde é o único representante desta numerosa família: êste pequeno e elegante esquilo é de colorido cinza-amarelado no dorso e branco-ocráceo no ventre.

A cauda que é muito longa e peluda, é de coloração cinza-esbranquiçada.

Êstes exemplares de Monte Alegre em nada diferem quer nas medidas externas, quer nas cranianas, dos outros exemplares já existentes nas coleções do Departamento de Zoologia e caçados em outras zonas do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

CARNÍVOROS

Fam. *PROCYONIDAE*

Procyon cancrivorus nigripes Mivart

“Guaxinim”, “Mão pelada”

Um filhote muito novo apanhado por cães.

E' quase todo de colorido pardo-amarelado com as patas pretas e os anéis escuros da cauda já bem definidos.

Os olhos são orlados de negro, ainda não se percebendo distintamente as duas características manchas brancas que ornãm a região superciliar dos adultos.

Encontrado nas zonas pantanosas onde caça rãs e pequenos crustáceos. Também não desdenha frutos e cana de açúcar, sendo tido também como temível depredador de galinheiros.

MARSUPIAIS

Fam. *DIDELPHIIDAE*

Metachirops opossum quica (Temminck)

“Cuica”, “Guaiquica”, “Raposinha”

Quatro exemplares; três machos e uma fêmea com dois filhotes na bolsa ventral.

E' um pequeno marsupial, bem menor que os gambás do gênero *Didelphis* que também devem ocorrer nessa região.

Seu comprimento total é de 65 cm dos quais 30 cm pertencem à cauda; colorido cinza-escuro nas partes superiores do corpo e branco-sujo nas inferiores; sôbre os olhos, uma mancha branca quase circular.

Os pêlos são curtos e sedosos e a cauda é quase tôda nua assemelhando-se à dos ratos.

Habitam em ninhos feitos nos galhos das árvores em matas e ca-poeiras e caçam à noite chegando então a penetrar em galinheiros e pombais onde podem fazer, como os gambás, grandes estragos.

Monodelphis brevicaudatus (Erxleben)

Peramys brevicaudatus MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Mu-seu Paulista, tomo XX, p. 409.¹

Um exemplar duma fêmea ainda bastante jovem achado no chão e já muito estragado.

Este minúsculo marsupial tem a cauda relativamente curta e muito pouco preênsil, não possuindo bolsa marsupial que se apre-senta apenas esboçada nas dobras da pele.

Quando adulta, esta espécie alcança 150 mm de cabeça e corpo tendo a cauda 65.

Focinho pontudo, pêlos curtos e cauda semelhante à dos ratos, levemente revestida de pêlos.

Colorido do dorso superior cinza, ligeiramente mesclado de ocrá-ceo; garganta, mento, bochechas e peito, ferrugíneos; orelhas luas e escuras, assim como os pés; pernas, coxas, flancos e dorso inferior, também ferrugíneos; cauda cinza-escura na parte superior, muito mais clara na inferior.

Por não ter cauda preênsil, vive mais no chão, geralmente nos capinzais e fazem ninhos de folhas e gravetos entrelaçados, seme-lhantes a grandes boias, nos arbustos, a pequena altura.

E' insetívora e confundida pelo povo com os ratos silvestres.

No Norte do país, esta e outras especies do mesmo genero são chamadas "catitas" ou "ratos catitas".

O Departamento de Zoologia possui exemplares de Pirituba e Piquete, neste Estado.

(1) MIRANDA RIBEIRO considera o nome genérico *Monodelphis* BURNETT, 1830, pré-ocupado por *Monodelphia* BLAINVILLE, 1816, nome de ordem. Conforme TATE, 1939, Bull. Am. Mus. Nat. History, vol. LXXVI, p. 166, M. RIBEIRO está em desacôrdo com o art. 34 das Regras Internacionais de Nomenclatura, devendo prevalecer a denominação de BURNETT.